

Médicos e Cães...Companheiros de Caminhada.

Há muitos anos que observo os andarilhos e os seus inseparáveis cãezinhos acompanhantes. É uma dupla interessante e que me faz sempre lembrar de Axel Munthe e suas saudosas estórias de San Michele.

Quem teve a felicidade de andar pelas ruelas de Anacapri, por certo parou comovida ao lado do velho Tappio e olhando ao longe, mar a fora, transportou-se à infância e à casa paterna, onde por um breve momento, sentiu o suave afago do seu “melhor amigo”, seu companheiro fiel...

O psiquiatra sueco, contemporâneo de Charcot e de Freud, tendo se instalado nos altos penhascos da ilha de Capri, revelou ao mundo médico, em suas crônicas, a importância de se encontrar, ainda que no outono de nossas vidas, um definitivo a ser percorrido. Uma derradeira peregrinação pelas alturas.

E o fez, sempre envolvido em seus adoráveis cães e outros pobres animais que libertara dos domadores e amestradores profissionais, sempre detestados pelos nossos pobres irmãos irracionais.

Aos cães, em particular, revela que nunca nada ensinou, mas bem ao contrário, deles sempre muito aprendeu...De fato, em seus tempos de solidão e já quase sem a visão, comprazia-se com os amáveis cães de Capri e as pequeninas cotovias, sempre presentes em sua biblioteca, na antiga capela do Arcanjo São Miguel.

Em seu livro testamento, oferecido à Rainha da Suécia, protetora de todos os cães, declara serenamente: “Por tão bem conhecer os homens, aprendi a amar os cães”.

Interessante, que até o século XII, o Arcanjo S. Miguel era venerado nos altos penhascos da Europa, como o Anjo da Cura, a medicina de Deus! Axel Munthe, jamais suspeitou que sua vida atribulada e guiada pelos seus amigos caninos, iria conduzi-lo à paz e à felicidade de uma cura interior realizada pela simplicidade daquela pequenina ermida e da gente humilde que povoou seu coração. Também Tobias partira com seu cão, em busca a cura para a cegueira do seu velho pai.

Em sem que nada soubesse, Rafael, o Arcanjo da Cura, cujo nome significa “medicina de Deus”, acompanhou-o na longa jornada donde voltaria feliz e realizado... Sempre um cão e um Anjo, a assistir quem procura enxergar. Quem se dispõe a caminhar para o encontro de si mesmo e da Verdade.

Mas foi um jovem médico de Montpellier filho de abastados e nobres senhores, que tomou pela vez primeira, o cajado e o chapéu de aba larga, o pelerine e a cabeça vazia, para cingir-se com a concha de Santiago, símbolo do renascimento pelo batismo do Espírito e fazer a peregrinação penitencial que a Igreja preconizava desde os tempos de S. Francisco de Assis. Partiu para Roma, o jovem Roque, e por oito anos perambulou entre as cidades da Itália então devastada pela Peste Negra. Em Acquapendente, terra do grande Fabrício pai da anatomia comparada, venceu a terrível epidemia e, sem chegar até Roma, voltou à França para o cárcere e portando a lepra, morreu no anonimato que fez questão de preservar. Em sua longa jornada de retorno. São Roque foi alimentado e assistido por um certo cãozinho que todos os dias vinha trazer-lhe um pedaço de pão e lambe-lhe as chagas mais ardentes.

Acho, sinceramente, que ao lado dos animais símbolo da medicina: a serpente, o galo e o touro, bem que se poderia arrumar um lugar para o cão...eles são amorosos e gentis, puros e fiéis como os Anjos. Talvez, por esse motivo, estejam sempre por perto dos andarilhos e dos desamparados. E essa sempre foi a mais constante clientela dos médicos, em todos os tempos.

Antonio Carlos Guerra da Cunha

Professor Titular do Departamento de Medicina – CCMB/PUC-SP